Áfricas possíveis: projetos e aspirações africanas em Frantz Fanon e Leópold Senghor

Thiago Henrique Sampaio[*]

DURÃO, Gustavo de Andrade. *Leópold Senghor e Frantz Fanon: intelectuais (pós)coloniais entre o político e o cultural*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2022, 284 p.

A consolidação dos Estudos Africanos no Brasil, especialmente após a aprovação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, contribuiu para ampliar a presença das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no campo educacional e acadêmico brasileiro. Esse processo também favoreceu a expansão de pesquisas, grupos e centros dedicados ao continente africano e às experiências históricas das sociedades africanas. É nesse cenário de ampliação da produção africanista brasileira que se insere *Léopold Senghor e Frantz Fanon: intelectuais (pós)coloniais entre o político e o cultural*, de Gustavo de Andrade Durão, publicado pela Paco Editorial em 2022 como resultado de sua pesquisa desenvolvida no Programa de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O livro, organizado em prefácio e cinco capítulos, dedica-se a dois dos mais importantes intelectuais africanos do século XX: Léopold Senghor e Frantz Fanon. Embora tenham trajetórias, formações intelectuais e projetos políticos distintos, ambos refletiram sobre a experiência colonial, a construção das identidades africanas e os caminhos possíveis para a emancipação das sociedades submetidas ao domínio europeu. A proposta de Durão consistiu justamente em colocar esses dois personagens em perspectiva comparada, explorando convergências e divergências entre suas formulações políticas e culturais.

Essa escolha constitui uma das principais contribuições metodológicas da obra. Como observa Silvio Marcus de Souza Correa no prefácio, a comparação permite compreender dois projetos modernos de nação africana a partir dos escritos de intelectuais que experimentaram de maneiras distintas os efeitos do colonialismo:

[*] É doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis).

Senghor, vinculado ao Senegal, e Fanon, profundamente marcado pela experiência argelina. O método comparativo, portanto, não serve apenas para aproximar dois autores reconhecidos pelo pensamento anticolonial; ele permite evidenciar que não existiu uma única resposta africana ao colonialismo. As diferentes posições de Senghor e Fanon revelam a existência de projetos diversos de emancipação, nacionalidade, cultura e organização política.

Essa é uma questão particularmente relevante para a historiografia dos intelectuais africanos. Ao aproximar os dois autores, Durão deslocou a análise de uma perspectiva que poderia tratá-los isoladamente e procurou compreender suas ideias como respostas historicamente situadas às transformações produzidas pelo colonialismo francês. A intelectualidade, nesse sentido, não apareceu como atividade exclusivamente abstrata ou desvinculada das circunstâncias históricas. Senghor e Fanon são apresentados como intelectuais inseridos em sociedades em transformação, envolvidos nos conflitos políticos e culturais de seu tempo.

O mérito da abordagem comparativa está justamente em demonstrar que esse engajamento não produziu respostas homogêneas. As trajetórias de Senghor e Fanon evidenciam diferentes maneiras de compreender a cultura, a política e a emancipação. Ambos denunciaram os efeitos da dominação colonial e valorizaram a necessidade de reconstrução da dignidade dos sujeitos africanos, mas divergiram significativamente quanto aos caminhos necessários para alcançar essa transformação.

A discussão da Negritude constitui um dos pontos em que essas aproximações e diferenças podem ser observadas. Durão recuperou o contexto de formação do movimento entre as décadas de 1920 e 1930, destacando a atuação de Aimé Césaire e a posterior reelaboração do conceito por Senghor. A Negritude apareceu, nesse contexto, como uma resposta à desvalorização das culturas negras produzida pela dominação colonial e pela política francesa de assimilação. Mais do que uma manifestação literária, o movimento assumiu dimensões culturais e políticas, contribuindo para a afirmação de identidades negras e para a contestação das hierarquias estabelecidas pelo colonialismo.

A análise permite perceber uma das contribuições mais importantes do livro: demonstrar que cultura e política não podem ser compreendidas separadamente na trajetória desses intelectuais. A valorização das culturas africanas não constitui apenas uma reivindicação identitária, mas também uma forma de enfrentamento de uma ordem colonial que procurava estabelecer modelos culturais

europeus como universais. A assimilação, definida como processo pelo qual elementos da cultura dominada eram transformados ou anulados diante da imposição de um modelo dominante, constitui, assim, uma dimensão fundamental para compreender a reação intelectual africana.

Nesse ponto, porém, a comparação também revelou uma diferença fundamental. Senghor atribuiu à cultura e à valorização das tradições africanas papel central na construção de um projeto político e civilizacional. Seu pensamento esteve associado à defesa da Negritude e à valorização da contribuição africana para a civilização, questionando concepções que apresentavam o continente como desprovido de história ou civilização. Fanon, por sua vez, enfatizou de maneira mais radical as estruturas de dominação e os mecanismos de violência produzidos pelo colonialismo. Sua reflexão sobre a experiência argelina conferiu à luta anticolonial uma dimensão diretamente relacionada à ruptura das estruturas coloniais.

As divergências tornam-se ainda mais evidentes quando Durão aborda os projetos de emancipação. Senghor não defendia necessariamente uma ruptura completa com a França. Seu projeto envolvia a possibilidade de um federalismo que preservasse vínculos entre a antiga metrópole e as sociedades africanas, incluindo relações econômicas, políticas e culturais. A francofonia, nesse sentido, poderia desempenhar papel positivo na circulação de saberes e na construção de relações entre os novos Estados africanos e a antiga metrópole. Fanon apresentava uma perspectiva distinta. A experiência da Guerra de Libertação da Argélia ocupou posição central em sua reflexão e contribuiu para a formulação de uma concepção de emancipação baseada na ruptura com a ordem colonial. Em seus escritos, o colonialismo aparece articulado ao capitalismo, ao racismo e a mecanismos culturais de dominação. A violência, nesse quadro, não é apresentada simplesmente como escolha moral individual, mas como parte de um processo histórico de enfrentamento da violência estrutural do sistema colonial.

A comparação entre esses dois projetos constitui, portanto, o núcleo mais fértil da obra de Durão. Em vez de produzir uma oposição simplificada entre um Senghor moderado e um Fanon radical, a análise permite compreender que ambos responderam a problemas históricos semelhantes a partir de experiências e projetos distintos. É justamente nessa tensão que a comparação se torna historiograficamente produtiva: ela impediu que o pensamento anticolonial africano seja apresentado como bloco homogêneo e evidencia a pluralidade de projetos formulados por intelectuais africanos diante da crise dos impérios coloniais.

Outro aspecto importante explorado por Durão é a presença do marxismo e do socialismo africano no pensamento dos dois autores. Embora o marxismo tenha desempenhado funções distintas em suas formulações, ele aparece como referência importante para pensar a libertação e a organização das sociedades africanas. Fanon utilizou elementos do pensamento marxista como instrumento de crítica das estruturas sociais e econômicas do colonialismo, enquanto Senghor incorporou referências socialistas a um projeto político próprio. Essa diferença novamente reforça a necessidade de compreender os autores em seus respectivos contextos, evitando classificações rígidas que reduzam suas obras a categorias políticas previamente estabelecidas.

É nesse aspecto que a escolha de Durão pelo método comparativo demonstra sua força, mas também exige atenção. Comparar Fanon e Senghor significa reconhecer simultaneamente suas aproximações e suas diferenças. O procedimento não deve produzir uma equivalência artificial entre experiências históricas distintas. Senegal e Argélia apresentavam contextos coloniais específicos, e as trajetórias dos dois intelectuais foram marcadas por experiências políticas e intelectuais diferentes. A comparação é mais produtiva justamente quando preserva essas diferenças e as transforma em objeto de investigação.

A obra também contribui para ampliar a reflexão sobre a própria categoria de intelectual africano. Senghor e Fanon não podem ser compreendidos apenas como produtores de teorias sobre a África. Foram autores que participaram, de maneiras distintas, dos debates políticos e culturais de seu tempo. Suas obras foram simultaneamente interpretações da realidade colonial e intervenções sobre essa realidade. Nesse sentido, a intelectualidade aparece como espaço de disputa de projetos de futuro, e não apenas como produção de conhecimento sobre o passado ou sobre o presente.

Essa perspectiva confere relevância ao trabalho de Durão dentro da produção historiográfica africanista brasileira. Ao privilegiar dois intelectuais que tiveram ampla circulação internacional, mas que ainda permanecem relativamente pouco explorados em determinadas abordagens da historiografia brasileira, o autor contribui para aproximar a história intelectual das experiências de descolonização africanas. Sua análise também amplia a compreensão sobre os diferentes caminhos imaginados para a construção das sociedades pós-coloniais.

A principal contribuição do livro, portanto, está menos em simplesmente apresentar Senghor e Fanon ao leitor brasileiro do que em colocá-los diante de um problema histórico comum: como construir projetos de emancipação a partir de sociedades marcadas pela experiência colonial? A resposta não é única. Em Senghor, encontram-se a valorização da cultura africana, a Negritude e a busca por formas de articulação política e cultural com a França. Em Fanon, destacam-se a ruptura com a ordem colonial, a centralidade da luta de libertação e a crítica às estruturas econômicas, políticas e raciais produzidas pelo colonialismo.

A comparação evidencia, assim, que pensar a descolonização significa também pensar diferentes projetos de futuro para a África. Essa é uma das razões pelas quais o título da obra é particularmente significativo: o livro apresenta não uma África única, mas diferentes possibilidades de construção política e cultural formuladas a partir da experiência colonial. Ainda que a abordagem comparativa pudesse suscitar discussões mais amplas sobre os limites e possibilidades de aproximação entre experiências coloniais distintas, sua utilização constitui uma escolha pertinente e produtiva. Ao colocar Senghor e Fanon em diálogo, Durão evidenciou tanto a existência de elementos compartilhados quanto as profundas divergências que marcaram o pensamento africano do século XX. O resultado é uma interpretação que contribui para superar leituras homogêneas do pensamento anticolonial e para reconhecer a pluralidade de respostas africanas à dominação colonial.

Léopold Senghor e Frantz Fanon: intelectuais (pós)coloniais entre o político e o cultural constitui, desse modo, uma contribuição relevante para os Estudos Africanos e para a história intelectual. A obra demonstra que compreender os processos de descolonização exige atenção não apenas às guerras, aos movimentos políticos e às transformações institucionais, mas também às disputas intelectuais e culturais que acompanharam esses processos. Ao analisar Senghor e Fanon em perspectiva comparada, Gustavo Durão evidencia que a emancipação africana foi também uma disputa pela definição de identidade, cultura, nacionalidade e futuro. Mais do que apresentar dois intelectuais fundamentais, o livro convida o leitor a refletir sobre os diferentes projetos de África formulados durante o processo de descolonização. Seu principal mérito reside justamente em demonstrar que as respostas ao colonialismo foram plurais e que a construção de sociedades independentes envolveu escolhas, tensões e projetos concorrentes. Para a historiografia africanista brasileira,

essa perspectiva representa uma contribuição importante, sobretudo por aproximar história intelectual, cultura e política na análise das experiências africanas de emancipação.